



uma brasa acesa de amor e morte  
Bárbara Lia



gueto editorial

# Uma brasa acesa de amor e morte

Bárbara Lia



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Bárbara Lia, 2017**

<https://www.facebook.com/barbaraliapagina/>

**Coleção #breves | Livro 4**

Selo Gueto Editorial ® 2017

**Edição e projeto gráfico**

Jerome Knoxville

**Edição e revisão**

Amanda Sorrentino

**Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

**Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro quatro  
⊙

**Literatura é Liberdade.**  
*Susan Sontag*

Silêncio: esta inominável arma de guerra  
e coragem  
de apagar-se  
como estrela

Não suporto o ruído dourado do sol  
A arrastar seu manto sobre os tristes  
Grão a grão toda beleza é triturada  
O tempo agora é líquido — lacrimado

Um deus que lesse Maiakovski  
Um deus que criasse o silêncio  
Como os russos criaram as babushkas  
Um silêncio dentro de outro silêncio  
Dentro de outro silêncio...

Adentrar o silêncio  
— em camadas —  
Total ausência de som

Ficar lá até a alma voltar  
Ao estado de lago plácido  
Ficar lá até respirar  
O ar, não mais este ácido



**“era a tristeza”**  
*Clarice Lispector*

Nas noites caladas a mulher acaricia o tédio  
Bêbada de entornar a rotina fria: casa, louça, pia  
Cotidiana tristeza, mesmice crônica  
Cortada pelo perfume da flor de laranjeira  
A arrastar — lerdo como um trem — aquele sim  
Para a vida inteira

**“Crucificada pela lassidão  
Arranha uma chaga”**  
*Clarice Lispector*

Quem volta  
para abraçar  
um pássaro  
não o encontra  
mais

**“Não gosto de nada, sou como os poetas”**  
*Clarice Lispector*

Como os poetas, sigo avessa ao mundo  
Como os poetas, questiono até as pedras  
Como os poetas, sei mais que quiromantes  
— olhos de enxergar no escuro —  
Há em mim o clarão do sim  
Que deus disse na primeira manhã  
Depois desta iluminação...  
Ao que amar?  
A quem?

Liquefaz o sangue do sol  
Em mil luzes de orvalho  
Ameniza! Estica o tempo  
Feito orgasmo de rainha

**“Enquanto eu inventar Deus. Ele não existe.”**  
*Clarice Lispector*

Sempre a colidir com Deus  
Nas horas incríveis  
Nas horas túrgidas  
Nas horas cruas  
Mas, no dia a dia — Deus esfuma  
Eu sempre quis ser íntima  
Brincar com ele  
Qual na infância  
Como se ele fosse um vizinho  
Que se chama pelo vão da cerca:  
— Vê as amoras maduras?  
Vamos devorá-las depois do pique esconde?  
— Pena. Amanhã eu vou. Hoje fiquei de castigo

(A mãe dele o afasta da janela e fecha a cortina.  
Antes acenamos um ao outro, um pouco tristes)

O mundo é o lixo de deus  
Somos as laranjas podres  
Nos cestos e nas bocas

Cuspidas  
Massacradas  
Espargindo o podre

O mundo é o lixo de deus  
Existe outro lugar  
Com rodopios de valsas  
E colibris no cio as asas em orgasmo

Lá seremos o perfume de laranjeira  
Hálito de deus  
Vivendo a paz de uma simples  
Quarta-feira

Deus semeia seres como minha mãe semeava hortaliças  
Deus derrama gelo nas almas e elas ficam quais as gramas brancas  
Deus é o horticultor terrível a rasgar nossas entranhas  
Como a raposa rasga a carne das galinhas que ela alcança  
Somos alcançados por Deus e não sobra osso sobre osso  
Deus sai caminhando duro e nem ao menos move o pescoço

Deus semeia seres como minha mãe semeava hortaliças  
Para depois triturá-los como a raposa às aves no galinheiro  
Sai displicente sem olhar pra trás e ficamos assim —  
Triturados — sem ver a face de Deus nunca mais

Deus é só uma televisão ligada no andar de cima:  
Melhor ler Rimbaud  
E se me perguntarem o que será:  
Dia nenhum sem pão e música  
Mundo melhor  
Amém!

E esqueçam Deus!



Este poema é maior que o momento...

Raptada  
Pelo ar  
Do poema  
Embalsamada  
Em um colarinho  
Engomado  
De silêncios

Eu mesma  
Estou retalhada n'alma  
Ainda assim sustento  
Um escultural  
Gorro de begônias  
No rasurado azul noturno  
Este olhar de dois segundos  
O enigma  
O ramo seco

(Quero uma primavera perfeita para — só depois — morrer)

E as rosas mínimas almas?  
E os espinhos mínimas prisões?  
Cada jardim é um mundo  
Guardado por metáforas  
Chuviscado de poesia  
E ainda há os que dizem  
Que a vida é fria

Madrugada esfoliada  
Acoçada por cenas intensas  
A espiar da janela  
A cena molhada:  
As rosas fazendo sexo  
— despudoradamente —  
Diante dos lírios da paz

O limbo é uma ilha  
cercada de mãos  
por todos os lados  
o amor é um lugar  
onde a fúria amorável  
nos põe pra dormir  
se não fosse tanto  
se não fosse táctil  
se não fosse ar

Alma arredia  
rosa tardia  
corpo arredo  
sol com frio

Tempo de luta  
das rosas rebeldes  
não aquelas dos buquês  
mas aquela rosa selvagem  
aferrada ao solo  
pra nunca mais ser morta

Poucas coisas vêm a mim  
trazendo o medo pela mão  
— felicidade é uma delas —  
nada é mais amedrontador  
que ser feliz a vida inteira  
resta cultivar esta dor sem fim  
como ao mais amado jardim



Viver é habitar reticências...

O Rio de Janeiro  
é uma brasa acesa  
de amor  
e morte

Iemanjá pranteia  
o diabo goza  
as estrelas gritam  
as areias respiram  
a dor e a glória

o Cristo  
quer descascar a pedra  
descer ao asfalto

sambar na quarta-feira  
e em cinzas  
diluir

— para nunca mais ver tanta dor, ancorado no azul distante.

**Bárbara Lia** nasceu em Assai (PR). Poeta e Escritora. Professora de História. Publicou onze livros, entre eles: O sorriso de Leonardo (*Kafka edições baratas*, 2004), O sal das rosas (*Lumme editor*, 2007), A última chuva (*Mulheres Emergentes*, 2007), Constelação de Ossos (*Vidrágua*, 2010), Paraísos de Pedra (*Penalux*, 2013), Solidão Calcina (*Imprensa Oficial do PR-SEEC*, 2008), Respirar (*Ed. do autor*, 2014) e Forasteira (*Vidrágua*, 2016). Integra várias Antologias, entre elas: O que é Poesia? (*Confraria do Vento / Cáliban*), O Melhor da Festa 3 (*Festipoa*), Amar – Verbo Atemporal (*Rocco*), Fantasma Civil (*Bienal Internacional de Curitiba*), A Arqueologia da Palavra e a Anatomia da Língua (*Maputo*).



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo